

apropos

[Perspektiven auf die Romania]

Sprache/Literatur/Kultur/Geschichte/Ideen/Politik/Gesellschaft

2 | 2019

Rugbykultur (in) der Romania

O Rugby em Portugal. Breve panorâmica

João Tiago Pedroso de Lima

apropos [Perspektiven auf die Romania]

hosted by Hamburg University Press

2019, 2

pp. 127-132

ISSN: 2627-3446



Online

<https://journals.sub.uni-hamburg.de/apropos/article/view/1367>

Zitierweise

Pedroso de Lima, João Tiago. 2019. „O Rugby em Portugal. Breve panorâmica“, *apropos [Perspektiven auf die Romania]* 2, 127-132. doi: 10.15460/apropos.0.1367

Except where otherwise noted, this article is licensed under a Creative Commons

Attribution 4.0 International license (CC BY 4.0)



João Tiago Pedroso de Lima

O Rugby em Portugal

Breve panorâmica

João Tiago Pedroso de Lima

é professor auxiliar com agregação do departamento de filosofia da universidade de Évora.

jtpl@uevora.pt

Palavras-chave

Rugby – Portugal – história – macrocefalia – *Lobos*

Introdução

Em Portugal, existem três jornais diários teoricamente dedicados ao desporto. Digo teoricamente porque a grande maioria das páginas desses três diários é dedicada por completo ao futebol. Descobrir uma notícia de rugby em A Bola, Record e O Jogo é quase tão difícil como encontrar uma agulha num palheiro. Em relação à televisão e à rádio, o panorama não é muito diverso, mas é preciso reconhecer que o canal codificado Sport TV transmite alguns dos jogos mais importantes do calendário internacional o que, não sendo o ideal, é sem dúvida uma boa forma de divulgar a modalidade. Ora, a quase invisibilidade mediática do rugby num país, que, pelo contrário, parece obcecado com tudo o que tenha a ver com o futebol, espelha bem a dimensão minoritária e também assimétrica do desporto oval.

Um rugby macrocéfalo

Por exemplo, presentemente a Liga de Honra - assim se chama a competição mais importante do calendário rugbístico português - é disputada por oito equipas, sendo seis delas da região de Lisboa, uma do Porto e outra de Coimbra. Esta macrocefalia é explicável por várias razões, sendo que algumas delas não têm directamente a ver com o rugby, pois Portugal é, por si só, um país demograficamente desequilibrado. No entanto, se compararmos o rugby com outras modalidades, verificamos que, ainda assim, este desporto se trata de um caso relativamente singular de concentração dos principais clubes na cidade de Lisboa.

A macrocefalia do rugby português explica-se também pelo facto de, ao longo dos mais cem anos de história da modalidade neste país, se tratar de uma modalidade praticada sobretudo por estudantes universitários. Ora, durante muito tempo só

houve universidades em Portugal em Lisboa, Porto e Coimbra, facto que ajuda a compreender por que é que é nestas três cidades que existem os clubes que há mais tempo se dedicam ao rugby de uma forma contínua. Aliás, os nomes de quase todos os principais emblemas de rugby revelam essa pertença ao meio universitário, como é o caso do Centro Desportivo Universitário de Lisboa (CDUL), Agronomia, Direito, Técnico todos da capital, bem como a Associação Académica de Coimbra e Centro Desportivo Universitário do Porto (CDUP). Para além deste três centros - que, mesmo assim, são desequilibrados entre si, pois Lisboa dispõe de uma supremacia iniludível, quer em número de praticantes e sobretudo de clubes, quer em títulos conquistados - o rugby joga-se com alguma regularidade em regiões dispersas como o Alentejo ou até em localidades mais pequenas que, apesar das compreensíveis dificuldades, resistem como é o caso, por exemplo, da Lousã, de Arcos de Valdevez ou da Moita da Bairrada.

Não espanta por isso que o número de equipas, atletas e árbitros seja bastante escasso, fazendo do rugby um desporto que atrai pouco interesse do público e, portanto, de investidores que permitam aos clubes e à federação nacional fazer face às inevitáveis despesas. Mesmo assim, é justo dizer que ao longo das últimas décadas o rugby tem sofrido uma lenta mas ainda assim irreversível progressão, quer no plano do fomento, quer sobretudo ao nível de resultados internacionais das suas selecções quer nos escalões jovens, quer no escalão principal (onde se destaca a presença no Campeonato Mundial de 2007, realizado em França). Mas, como sempre, convém começar pelo início.

Sobre as dificuldades iniciais

De acordo com os historiadores da modalidade (cf. por exemplo: Fragoso Mendes, 2002; 2012), o primeiro jogo de rugby em Portugal realizou-se em Lisboa a 11 de dezembro de 1903, nele participando apenas cidadãos britânicos que, por motivos profissionais, se encontravam na altura na capital portuguesa. Esse evento não teve, por isso, grande continuidade, pelo que apenas quase duas décadas volvidas se veio a realizar o primeiro confronto com a participação de uma equipa constituída por jogadores locais. Assim, no dia 12 de março de 1922, o Royal FC defrontou uma equipa formada por ingleses que trabalhavam na altura na Estação do Cabo Submarino de Carcavelos. Segundo os testemunhos da época, devido à dificuldade dos ingleses em reunir mais do que nove elementos, o Royal FC disponibilizou cinco atletas ao adversário, pelo que o primeiro jogo do rugby português foi disputado com catorze jogadores apenas em cada equipa. Tal facto constitui um sintoma de uma doença que, praticamente até aos dias de hoje, corrói o rugby em Portugal, a saber: a escassez de jogadores, adeptos e até de árbitros. É de registar, no entanto, que, na pioneira equipa do Royal FC, militavam alguns atletas franceses (a viverem na altura em Lisboa) entre os quais se destacava Maurice Baillehache, antigo capitão do Havre Athletic Club que virá a desempenhar um papel bastante relevante no fomento do rugby lisboeta. Este facto também se reveste de algum significado pois a cultura portuguesa foi tradicionalmente muito influenciada por França e, como não poderia deixar de ser, essa influência também se faz (ou pelo menos fez) sentir no pequeno universo do rugby lusitano. Por

exemplo, alguns dos termos técnicos aportuguesados têm clara inspiração gaulesa, como seja a palavra ensaio (essai) ao contrário do que sucede noutros países como Espanha ou o Brasil onde se preferiu manter o termo inglês try.

O início da história do rugby em Portugal não foi fácil. Desde logo, porque a modalidade ganhou um espírito de certa forma elitista o que veio a dificultar a sua popularização. Tal tendência veio a acentuar-se durante o Estado Novo (1926-1974) em que o rugby se transforma num desporto sobretudo universitário o que, se se atender ao facto de poucos cidadãos acederem às universidades, contribuiu para a sua menor irradiação junto de outros potenciais praticantes do jogo. Para além disso, mesmo entre as elites para quem o desporto constituía um importante agente educativo, o rugby não foi objecto de uma aceitação unânime. João Fragoso Mendes chama a atenção para um curioso libelo saído da pena do então tenente Henrique Galvão que, na edição de 22 de janeiro de 1925 do jornal Os Sports, publica o artigo intitulado “Rugby - As suas vantagens?” (Fragoso Mendes, 2012: 61). A tese de Galvão, embora possa parecer surpreendente, é simples e visa manifestar o seu regozijo pelo facto do rugby não medrar em Portugal. A que se deve, no entender daquele oficial especializado em desporto, essa situação? Para Galvão, o rugby é incompatível com as características da raça portuguesa, ao contrário do que se passa nos países anglo-saxões. Assim, a prática do rugby entre os portugueses será especialmente nociva, dado que «não está nas faculdades da Raça [portuguesa] a conservação da serenidade e da lealdade durante o esforço tão necessária para não deixar cair o Rugby numa série de pugilatos sem interesse» (Galvão apud Fragoso Mendes, 2012: 62). Mais: à objecção de que a prática do rugby poderia ajudar a modificar algumas das características morais dos portugueses, o ainda jovem tenente reage, afirmando o seguinte: «O sport não cria qualidades morais - desenvolve-as, purifica-as, enobrece-as mas é necessário que já existam natas ou preparadas no espírito e na alma [dos jogadores]» (Ibidem). Mesmo que a ideia, professada por Galvão, de que há certas qualidades e valores que são uma espécie de essências vinculadas a determinados povos, me pareça hoje razoavelmente absurda, a verdade é que a posição deste autor não parece ter sido um ponto de vista completamente individual. Pelo menos, a julgar pela dificuldade que o rugby teve em se impor na sociedade portuguesa ao contrário, por exemplo, de outras modalidades, com o futebol naturalmente em especial destaque.

De qualquer modo, apesar de todas estas dificuldades, o rugby em Portugal prosseguiu o seu caminho, embora nunca conhecendo o desenvolvimento verificado noutras paragens. Por isso, a qualidade dos jogos, em virtude do escasso conhecimento técnico de jogadores, treinadores e árbitros, não se tornou especialmente atractiva para o público não-especializado. E, assim, se criou uma espécie de círculo vicioso. Como havia pouco interesse no jogo, este desenvolveu-se a um ritmo excessivamente lento quer em termos de número de praticantes, quer em termos de resultados internacionais.

A década de 2000: uma década dourada?

Em Março de 2007, o país desportivo ficou surpreendido com o apuramento de Portugal para o Campeonato Mundial de rugby, na sequência de uma épica eliminatória de repescagem frente ao Uruguai. No entanto, esta proeza nada teve de miraculoso ou até de inesperado, sobretudo para aqueles que acompanhavam mais ou menos de perto o percurso dos Lobos. A verdade é que, desde 2004, ano em que Portugal venceu o Campeonato da Europa (também conhecido por Torneio das 6 Nações B), o objectivo de estar presente no Mundial nunca foi escondido pelo seleccionador nacional Tomaz Morais e pelos seus jogadores que, apesar de serem quase todos não-profissionais, nem por isso deixaram de acreditar num sonho que a muitos parecia impossível de concretizar. Não o foi e, por isso, em setembro de 2007 os Lobos chegam a França para disputar jogos com a Roménia, a Itália, a Escócia e com os míticos all-blacks da Nova Zelândia. A expectativa de obter bons resultados não era grande, mas Portugal não desiludiu quem esperava um comportamento digno da equipa. Embora tenha sido derrotada largamente pela Escócia (56-10) e pela Nova Zelândia (108-13), a selecção portuguesa conseguiu discutir quase até ao fim os jogos frente à Itália (31-5) e à Roménia (14-10) e sobretudo deu uma excelente imagem, apresentando um nível de jogo surpreendente para uma equipa constituída quase exclusivamente por jogadores amadores.

Merece também destaque, durante o período de ouro da selecção nacional de rugby que ocorre sensivelmente durante a primeira década do século, o prestígio alcançado pela equipa de sevens. Quase sempre liderados por Tomaz Morais, os Lobos fizeram parte do circuito mundial da variante, tendo obtido resultados assinaláveis, vencendo por exemplo as equipas da Austrália, da Inglaterra e da França e tendo obtido um surpreendente empate com os míticos All-Blacks. Estes sucessos das equipas portuguesas no contexto internacional alicerçaram-se num grupo de jogadores extremamente reduzido - é de registar que, muitas vezes, alguns dos atletas tiveram de competir, ao longo da mesma temporada, simultaneamente na selecção de quinze e nos sevens - que deu mostras de um espírito colectivo e de uma solidariedade inquebrantáveis. Nisso o líder Tomaz Morais revelou-se de uma indiscutível importância, tornando-se mesmo num exemplo nacional na arte de gerir recursos humanos, tendo mesmo publicado um livro sobre o tema. Também o capitão Vasco Uva, advogado de profissão, se tornou um símbolo dos Lobos devido à sua resiliência e espírito de liderança. No entanto, todos os membros da alcateia são merecedores dos maiores encómios.

Conclusão: o Rugby em Portugal, uma oportunidade desperdiçada?

Como consequência da presença dos Lobos no Campeonato do Mundo, o rugby teve um enorme crescimento em Portugal, quer em termos de repercussão mediática, quer até em termos de número de praticantes. Infelizmente, essa onda de entusiasmo não teve a continuidade esperada e não só os resultados dos Lobos baixaram de nível (falhando o apuramento para os Mundiais de 2011, 2015 e 2019), como as estruturas de apoio à modalidade continuaram em patamares

excessivamente precários. Um exemplo flagrante disso é hoje o baixíssimo número de árbitros existentes, facto que dificulta imenso a conveniente organização das principais competições realizadas em Portugal onde, por vezes, chega a haver jogos decisivos sem a nomeação de árbitro principal, muito menos de árbitros auxiliares. Verifica-se, assim, um enorme paradoxo entre as pretensões da selecção nacional, que visa qualificar-se de novo para a principal prova internacional entre países, repetindo a proeza de 2007, e o défice estrutural de profissionalismo da Federação Portuguesa de Rugby, o baixo nível competitivo interno, o reduzido número de jogadores, técnicos, árbitros e dirigentes, e a deficiente expansão da modalidade por um território que, embora pequeno, permanece, em relação ao rugby, quase todo centrado na região de Lisboa. Ora, sem vencer este paradoxo, julgo ser bastante difícil que o rugby se desenvolva com base em fundamentos sólidos e duradouros. Será sempre possível (embora isso seja cada vez menos provável) obter um ou outro resultado excepcionais, mas a verdade é que 2007 parece ter sido uma oportunidade desperdiçada pelo rugby lusitano que está, por exemplo, cada vez mais distante de países como a Itália e a Geórgia, dois casos que, cada um à sua maneira, constituem a prova de que, apesar do tradicionalismo que ainda continua vigorar nas estruturas organizativas do rugby mundial, é possível não deixar fugir o comboio do desenvolvimento sustentado.

Bibliografia

- MENDES, João Fragoso. 2002. *Grupo Desportivo de Direito (1952-2002) – 50 anos de rugby*. Lisboa: Prosafeita.
- MENDES, João Fragoso. 2012. *Rugby: das origens gregas e romanas à introdução em Portugal*. Lisboa: Prosafeita.
- MORAIS, Tomaz & Carlos Filipe MENDOÇA. 2006. *Compromisso: Nunca Desistir*. Lisboa: Booknomics.
- UVA, Vasco & Sérgio LOPES. 2007. *Hoje é por Portugal! O meu diário no Mundial de Rugby*. Lisboa: PrimeBooks.

Résumé

Cet article vise à donner un bref aperçu de la situation du rugby au Portugal, pays où le football ne laisse quasiment aucune place à un autre sport. Le rugby portugais dont la quasi-invisibilité dans les médias sportifs reflète la dimension minoritaire et asymétrique se distingue par sa macrocéphalie très forte, aussi liée au déséquilibre démographique du pays. Le premier match concerna des équipes formées de joueurs britanniques et malgré des débuts difficiles, le rugby au Portugal, influencé par la France, s'établit sans toutefois connaître un développement tel que d'autres pays le connurent. Longtemps sport élitiste et essentiellement réservé aux étudiants des universités de Lisbonne, Porto et Coimbra, il a connu une décennie dorée au début du XXI^e siècle dont le point d'orgue fut la participation à la coupe du monde 2007 en France. Toutefois, l'absence d'un investissement structurel à la suite de cette heure de gloire fait craindre une occasion manquée d'un développement prometteur.

Zusammenfassung

Ziel dieses Beitrags ist es, einen kurzen Überblick über die Geschichte des Rugby und seiner aktuellsten Entwicklungen in Portugal zu geben. Die quasi totale mediale Unsichtbarkeit des Rugby in Portugal spiegelt insbesondere dessen Minderheits- und asymmetrische Positionierung, vor allem gegenüber dem Fußball, wider. Bereits zu Beginn ist Rugby ein makrozephaler Sport gewesen und ordnet sich einem gesamtportugiesischen demografischen Ungleichgewicht unter. Wurde das erste Spiel noch von in Portugal lebenden Briten organisiert, durchlebte die stark von Frankreich geprägte neue Sportart schwierige Anfänge in Portugal, konnte sich dann jedoch etablieren, obwohl eine bemerkenswerte, breitere Verankerung des Sports in der Gesellschaft – wie es in anderen Ländern der Fall war – ausblieb. Rugby bleibt so ein elitärer und im Wesentlichen universitärer Sport, der in den demografischen Zentren des Landes, Lissabon, Porto und Coimbra, gespielt wird. Hatte der portugiesische Rugby zwar eine Sternstunde während der Weltmeisterschaft 2007 in Frankreich, so lassen die folgenden, ausbleibenden Investitionen eine verpasste Gelegenheit für eine nachhaltige Entwicklung des Rugby in Portugal befürchten.

Abstract

This article gives a short overview over the history and recent developments of rugby in Portugal. Rugby is effectively invisible in Portuguese media which especially reflects its minority position and power asymmetries in sports as, mostly in comparison with football. From its beginnings, rugby has always been a macrocephalic sports positioning itself in a specifically Portuguese demographic disequilibrium. Was the first rugby game ever played in Portugal still organized by British workers in Lisbon, the sport, strongly influenced by the French, has been established in Portugal. However, it is still lacking sociocultural significance mostly due to its elitist, academic and macrocephalic teams from Lisbon, Oporto and Coimbra. Even though Portuguese rugby had its shining hour during the world championship in France in 2007 no signs of structural investments followed turning its success into a lost opportunity.